



Nos rastros da Copa do Mundo FIFA 2014: Reflexões críticas sobre a produção do espaço urbano em Itaquera, São Paulo, SP

On the trace of the 2014 FIFA World Cup: Critical reflections on the production of urban space in Itaquera, São Paulo, SP

Jaqueline Flória Baumgaertner  

Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas,
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

E-mail para correspondência: jbaumgaertner@usp.br

Recebido (Received): 30/03/2023

Aceito (Accepted): 24/10/2023

Resumo: A realização da Copa do Mundo FIFA 2014 no Brasil fez emergir uma série de estudos sobre produção do espaço e turismo e a participação dos megaeventos no planejamento urbano. O planejamento do espaço voltado para a realização da Copa do Mundo FIFA reorientou a prática social das cidades sedes e aprofundou as segregações já existentes. Este artigo propõe analisar o processo de produção do espaço em decorrência de megaeventos a partir do estudo de caso do bairro de Itaquera, São Paulo. A partir da perspectiva neoliberal do planejamento estratégico aplicado nas cidades, buscamos compreender a produção do espaço na cidade-sede São Paulo, do ponto de vista das decisões públicas e da percepção da população local, através de entrevistas. A análise está fundamentada em uma perspectiva crítica e considera as demandas da população. Ao refletir sobre Itaquera, identificamos que se estabelece uma nova centralidade, que nos ajuda a compreender os processos de produção do espaço em curso na região. Embora parte das transformações urbanas realizadas no período de preparação da cidade para o megaevento fosse de desejo da população, a crítica apresentada neste trabalho recai sobre um *modus operandi* segundo o qual a produção coletiva de um espaço mais justo e mais acessível para a população efetivamente não se realiza.

Palavras-chave: Megaevento; Turismo; Produção do espaço; Urbano.

Abstract: *The 2014 FIFA World Cup in Brazil gave rise to a series of studies on the production of space and tourism and the participation of mega-events in urban planning. The planning of the space aimed at hosting the FIFA World Cup reoriented the social practice of the host cities and deepened the existing segregations. This work aims to analyze the process of production of urban space as a result of mega-events based on the case study of the neighborhood of Itaquera, São Paulo, based on a critical perspective and considering the demands of the population. From the neoliberal perspective of strategic planning applied in cities, we seek to understand the production of space in the host city, from the point of view of public decisions and also from the perception of the local population. For this, interviews were conducted with residents of Itaquera. When reflecting on Itaquera, we identify that a new centrality is established, which helps us to understand the ongoing processes of space production in the region. Although part of the urban transformations took place during the city's preparation period for the mega-event, the criticism presented in this work rests on a modus operandi according to which the collective production of a fairer and more accessible space for the population effectively did not come true.*

Keywords: *Mega event; Tourism; Production of space; Urban.*

1. Introdução

A reprodução do capital e das relações sociais de produção no século XX fizeram emergir a noção de espaço enquanto lugar da reprodução, de modo que o mundo moderno se revela em uma determinação espacial na qual o espaço adquire centralidade sobre o tempo (CARLOS, 2020). Segundo Lefebvre (1991), o espaço é produto das relações sociais, sendo concomitantemente um produto social, uma construção mental e um meio de produção. O autor defende, em seus trabalhos, que a urbanização seria central tanto para a sobrevivência do capitalismo quanto para o desenvolvimento das lutas políticas de classes. Neste sentido, a

cidade moderna se transforma em mercadoria e as crises de acumulação do capital são resolvidas pela reprodução do espaço (CARLOS, 2020). Dessa forma,

a urbanização é um processo que facilita a acumulação de capital, garantindo suas condições, mas igualmente um processo de produção e consumo em si mesmo, já que a construção dos espaços urbanos opera dentro dos moldes da produção de mercadorias urbanas (FARIAS E DINIZ, 2018, p. 286).

Entendemos, aqui, com base em Carlos (2002; 2005), o espaço concomitantemente como meio e condição para a reprodução da sociedade; não apenas da produção material, mas também cultural e simbólica. Assim, compreender a reprodução do espaço exige que consideremos os diferentes momentos históricos e suas características específicas, no âmbito político, econômico e social. A cidade, enquanto expressão material desse processo, é estruturada segundo os diferentes momentos de sua execução (MOLINA, 2013).

O fenômeno globalizante associado à crise econômica instaurada no final da década de 1960 conduziu à busca por um conjunto de práticas políticas e econômicas capazes de absorver o excedente e prevenir novas crises por meio de práticas neoliberais. Enquanto processo de transformação social e espacial orientado pelo mercado, o neoliberalismo se articula por meio de estratégias geográficas e históricas e conta com a ativa mobilização estatal na promoção de regulamentações em prol do mercado (MOREIRA E GÓMEZ, 2014). Desse modo, “o neoliberalismo confia ao mercado o papel de regular a sociedade, o mercado busca trazer para si o conjunto das relações sociais” (ZANOTELLI, 2021, p. 10). Assim, a função das cidades ganha um novo rumo durante o período neoliberal do capitalismo a partir da década de 1970 (SMITH, 2017).

O enfrentamento desta crise do sistema de produção se deu através de medidas de *empresariamento urbano*, enquanto nova forma de ver e pensar as cidades, de modo a adequá-las à dinâmica de acumulação vigente, caracterizada pela seletividade de investimentos (HARVEY, 1996). Dessa forma, a crise global e a produção capitalista encontram na escala local uma forma de reerguer-se.

A maior ênfase na ação local para combater tais males [dificuldades que atingiram as economias capitalistas a partir de 1973] também parece ter algo a ver com o declínio do Estado-Nação no controle do fluxo monetário multinacional, de maneira que os investimentos tomam cada vez mais a forma de uma negociação entre capital financeiro internacional e os poderes locais, os quais fazem o melhor possível para maximizar a atratividade local para o desenvolvimento capitalista (HARVEY, 1996, p. 50).

Cria-se uma aliança entre o capital privado e um Estado empreendedor empenhada em construir, recriar e planejar espaços na cidade capazes de atrair cada vez mais investidores e especuladores.

O novo empresariamento urbano se caracteriza, então, principalmente pela parceria público-privada tendo como objetivo político e econômico imediato (se bem que, de forma nenhuma exclusivo) muito mais o investimento e o desenvolvimento econômico através de empreendimentos imobiliários pontuais e especulativos do que a melhoria das condições em um âmbito específico. (HARVEY, 1996, p. 53).

O urbanismo neoliberal se coloca à disposição da privatização seletiva e de exclusividade de acesso aos lugares, em detrimento da potencialização de espaços públicos e do ambiente urbano mais inclusivo (SOUZA, 2018). Em busca de uma valorização constante de capital nos diferentes momentos de produção e de mercado, a produção da cidade se torna facilitadora da acumulação do capital, ao passo que é também um processo de produção e consumo em si mesmo (FARIAS E DINIZ, 2018).

A partir da segunda metade do século XX o turismo passa a ocupar um lugar importante na produção de espaços urbanos, sendo capaz de desencadear novos processos e intensificar as tendências em curso nesses espaços (CRUZ, 2019). Como demonstra Carlos (2002), a produção dos espaços de turismo se realiza em uma sociedade na qual todos os momentos da vida cotidiana se encontram penetrados pela realização da mercadoria. Conforme a autora, “o turismo revela [...] a mudança da relação espaço - tempo no mundo moderno, realizando o espaço enquanto mercadoria, ao mesmo tempo em que submete o tempo do lazer ao mundo da mercadoria” (CARLOS, 2002, p. 48).

A realização do megaevento esportivo liga-se, portanto, a uma atividade estratégica de reprodução do capital através do espaço geográfico, especialmente o espaço urbano. Ao promover um megaevento, vende-se a ideia de que as cidades sedes serão mais conhecidas, atraindo turistas, investimentos e novos eventos (VAINER, 2014). Assim, as cidades ocupam um papel importante no processo de acumulação de capital

associado à indústria do turismo, de forma que os megaeventos e as obras de infraestrutura a ele associadas caminham de forma a garantir a adequação das cidades às novas exigências do capitalismo mundial.

No processo de venda da cidade ao mercado internacional, diversos projetos de reestruturação urbana são criados, de modo a “mobilizar os espaços da cidade e o crescimento orientado tanto para o mercado, quanto para as práticas de consumo das elites, garantindo, ao mesmo tempo, a ordem e o controle das populações excluídas” (SOUZA, 2018, p. 250). Estes projetos são considerados passos criativos e destrutivos dentro da urbanização neoliberal, de forma que abarcam uma dimensão de classe e distribuem-se de modo desigual pelo espaço geográfico (SOUZA, 2018). Dentre estes projetos neoliberais, destacamos neste trabalho o papel dos megaeventos na produção do espaço urbano enquanto mercadoria de disputa.

A realização da Copa do Mundo FIFA 2014 no Brasil demonstra a tentativa do Estado de se projetar internacionalmente e demonstrar sua capacidade de inserção no capitalismo mundial. O megaevento esportivo realizado em 2014 se distribuiu em doze diferentes cidades do país, de forma que as infraestruturas e transformações urbanas exigidas pela organização do evento foram cumpridas em todas essas cidades. No caso de São Paulo, os jogos foram realizados na Neo Química Arena, antiga Arena Corinthians, localizada no distrito de Itaquera, na Zona Leste do município. A arena começou a ser construída no ano de 2009, foi inaugurada em maio de 2014, às vésperas do evento esportivo e para a sua utilização durante a Copa sua construção e arquitetura seguiram os parâmetros internacionais estabelecidos pela FIFA.

A construção da Neo Química Arena e a decisão de sediar a abertura da Copa do Mundo FIFA 2014 aceleraram as construções no âmbito das redes de transporte, tanto na implementação de transportes públicos mais eficientes quanto na reconstrução de vias próximas ao estádio (OLIVEIRA, 2016). Além disso, houve a ampliação de centros comerciais e instalação de empresas. Estes fatores aqueceram o mercado imobiliário e a construção civil de modo a elevar o custo de vida na região (ROLNIK, 2012). A população que se viu impedida de morar ali, uma vez que suas despesas se tornaram mais elevadas que seu poder aquisitivo, passou a buscar novas áreas para morar ou moradias cada vez mais precárias e distantes do centro da cidade. Além disso, a população que habitava o entorno da área construída para o megaevento foi “convidada” a se retirar diante de uma política cruel de despejo. Raquel Rolnik (2012, p. 11) demonstra que “o chamado “cheque-despejo”, que é largamente utilizado em São Paulo e outros lugares (...) é totalmente ilegal em relação à legislação internacional e também em relação à legislação brasileira”. Cabe esclarecer que, o termo “cheque-despejo” diz respeito a uma política implementada por prefeituras para remover populações de baixa renda de suas moradias. Trata-se de um cheque de valor baixo, que varia entre R\$1.000,00 a R\$5.000,00, para que a população desocupe a casa onde mora, sob alegação formal de irregularidade da moradia. Com valores tão baixos, a população tende a buscar novos assentamentos informais para morar, alimentando um ciclo vicioso (ROLNIK, 2010).

Assim, o objetivo do presente artigo consiste em analisar o processo de produção do espaço urbano ligado a megaeventos a partir do estudo de caso do bairro de Itaquera, São Paulo, a fim de compreender as implicações e os desdobramentos das contradições espaciais geradas nesse processo. Para isso, a metodologia dessa pesquisa baseia-se em revisão bibliográfica, consulta de dados primários, trabalho de campo e entrevistas com moradores de Itaquera. Espera-se que esta análise possa favorecer para uma forma de compreensão do espaço urbano pautada menos nas exigências do capital e mais nos direitos da população no que diz respeito principalmente à moradia, educação, segurança e saúde. O artigo é dividido em quatro partes. Além desta *Introdução*, apresentamos em *Impacto socioespacial da Copa em Itaquera* uma revisão da literatura que nos permite compreender criticamente a produção do espaço na Zona Leste de São Paulo e contextualizamos a realização da Copa do Mundo FIFA. Na seção *Análises e Discussão* debatemos com base em informações levantadas a partir de dados oficiais, trabalho de campo e entrevistas com moradores de Itaquera os impactos espaciais deixados pela realização do megaevento. Por fim, o artigo encerra-se com as *Considerações Finais*.

2. Impacto socioespacial da copa em Itaquera

2.1. O contexto espacial: a produção do espaço na zona leste de São Paulo

O processo de expansão da metrópole paulista ao longo do século XX deu-se através da transformação dos subúrbios do município de São Paulo em periferia urbana, de modo que a forma final da cidade é representada por espaços desiguais e formas socioespaciais complexas (OLIVEIRA, 2016). O avanço da urbanização foi marcado pela desordenada ocupação do solo, que as políticas públicas não foram capazes de acompanhar. Segundo Oliveira (2016, p. 05), ficou “a cargo das pessoas e dos especuladores do solo urbano esse papel de planejador físico-urbanístico dos espaços não ocupados”. A marcha por uma cidade verticalizada, em especial nas áreas centrais, levou ao “início da ocupação das áreas mais distantes, à

margem da via férrea acompanhando a instalação das indústrias e das vilas operárias, assim como aconteceu na direção leste da cidade” (OLIVEIRA, 2016, p. 06).

A expansão da ocupação da Zona Leste de São Paulo e a formação de sua periferia urbana se deu principalmente ligada à construção da Estrada de Ferro Central do Brasil (EFCB), uma vez que os bairros hoje existentes margeavam a EFCB, sendo eles Penha, Itaquera e Lajeado, além dos contemporâneos municípios de Poá, Ferraz de Vasconcelos, Suzano e Mogi das Cruzes (AZEVEDO, 1945). A construção da linha férrea possibilitou a ligação entre o leste da cidade e a área central através dos trilhos, de modo que o acesso facilitado permitiu a formação de uma nova relação dos trabalhadores com a cidade.

A urbanização da Zona Leste se consolidou em função dos trilhos, uma vez que a linha férrea garantiu o contato com o centro metropolitano em expansão. Os trabalhadores, afastados do centro em razão do alto preço do solo, procuraram os subúrbios para residir, onde o valor dos loteamentos era mais baixo.

O bairro de Itaquera localiza-se na Zona Leste do município de São Paulo. Sua ocupação, como exposto por Azevedo (1945), se deu por chácaras onde a atividade agrícola não se destacava como nas regiões vizinhas, sendo o bairro predominantemente residencial. Como antes pontuado, a ocupação acompanhou a ferrovia na medida em que os moradores necessitavam do trem como meio de transporte para o centro do município, onde estavam seus postos de trabalho.

De fato, o ambiente semirural da região configurou-se como uma reserva de terras a serem incorporadas nos circuitos periféricos de valorização, expressos nos loteamentos e vilas, cujos terrenos seriam vendidos para a população de baixa renda. Esse processo foi lento e ocorreu fundamentalmente entre as décadas de 1940 e 1970. No alvorecer da ditadura militar, Itaquera era um bairro *periférico não consolidado*, ou seja, com pouca infraestrutura urbana. (D’ANDREA, 2012, não paginado - destaque do autor).

A partir do processo de ocupação acelerada do bairro e a pouca estrutura urbana presente para atender a população, no início da década 1980 surgiram as primeiras favelas na região (D’ANDREA, 2012). A população de Itaquera era composta essencialmente por operários e trabalhadores assalariados no comércio e no ramo de serviços. O aumento significativo de moradores em um curto período acarretou problemas na dinâmica de ocupação do solo em função da baixa oferta de moradias disponíveis, intensificando a exclusão socioespacial.

A tabela a seguir (**Tabela 1**) evidencia a contradição do crescimento da metrópole, que, por um lado, necessita cada vez mais de áreas para abrigar estoque de mão de obra barata, mas por outro lado, não adota um planejamento urbano que ofereça condições mínimas de moradia nas áreas periféricas.

Tabela 1: Domicílios desprovidos* de serviços básicos em Itaquera e no Município de São Paulo em 1968.

Área	Água	Esgoto	Pavimentação	Coleta de Lixo
Distrito de Itaquera	89,3	96,9	87,5	71,9
Município de São Paulo	52,4	41,3	34,3	15,9

*Em porcentagem total de domicílios existentes. Fonte: OLIVEIRA, 2015, p. 69.

Com o agravamento dos problemas urbanos na periferia e o fenômeno da autoconstrução desordenado, a administração pública alavancou a produção em massa de moradias, a partir da construção das Companhias de Habitação Popular (COHABs), fenômeno urbanístico essencial para compreender a urbanização do bairro. A construção das COHABs I e II na década de 1970 se relacionou diretamente com a inauguração da estação de metrô da linha 3-Vermelha no ano de 1979, concluída em 1988. Estes dois projetos urbanísticos, um de mobilidade urbana e outro de habitação popular, consolidaram o papel do distrito de Itaquera na metrópole paulista até os dias mais recentes.

Embora os referidos conjuntos habitacionais tenham sido construídos a fim de solucionar um problema urbano presente na cidade de São Paulo, Damiani (1993) destaca a realidade mais isolada que estas moradias representam, uma vez que o conjunto arquitetônico interno foi muito bem planejado, mas a ligação deste conjunto com o restante da cidade não se realiza. A construção das COHABs em Itaquera na década de 1970 não é aleatória. Segundo Damiani (1993), as autoridades locais apontaram a Zona Leste como a área mais propícia de São Paulo para a construção desses grandes conjuntos. Além de enormes terrenos disponíveis,

Diante da chegada do metrô à região, Freitas (2020) aponta que a partir do século XXI outros elementos foram constituídos, realçando a posição de Itaquera como centralidade regional, como o terminal de ônibus, o Poupatempo (2000), o *shopping* (2007) e o início da construção da Arena Corinthians (2009). O anúncio do bairro como sede de abertura da Copa do Mundo de 2014 colocou Itaquera diante de um planejamento urbano completamente novo e acelerado, de construção do estádio e reforma das vias públicas, como veremos a seguir.

2.2. A realização da Copa do Mundo na Zona Leste de São Paulo

A realização da Copa do Mundo FIFA 2014 no Brasil envolveu um processo de requalificação do espaço urbano no qual capitais internacionais “especializados” no urbanismo do espetáculo se reuniram, utilizando como álibi os megaeventos esportivos, culturais e tecnológicos a fim de lucrar por meio do endividamento, especulação imobiliária e gentrificação de áreas específicas da cidade (MARICATO, 2014). Esse processo encontra apoio na construção de um discurso de legado para as cidades-sedes, que enfatiza os benefícios das transformações urbanas previstas e o aumento significativo da atividade turística na região. Entretanto, esse mesmo discurso é utilizado como estratégia de dilapidação do fundo público e de convencimento da população.

A transformação do bairro de Itaquera em epicentro da Copa do Mundo foi uma oportunidade ideal para a reprodução do capital através da construção civil e de obras de revitalização urbana. Em Itaquera, a construção da Neo Química Arena e as reformas das vias de circulação e do terminal de ônibus marcaram a vida dos moradores durante e após a Copa, o que fez com que o bairro passasse por uma ressignificação de seu papel. Para uns Itaquera se apresentava como lugar da reprodução da vida e do cotidiano, para outros foi alvo da especulação urbana, de investimentos públicos e privados e palco de um dos maiores eventos esportivos internacionais.

Com o anúncio da Copa do Mundo, o bairro de Itaquera, até então marginalizado e retrato de uma periferia autoconstruída, ganhou uma nova perspectiva. Itaquera passou a atrair com mais êxito os interesses do mercado imobiliário e as disputas pelo espaço mudaram de forma e escala, provocando alterações profundas na paisagem urbana e na dinâmica socioespacial. Juntamente às novas formas de reprodução do capital, a perspectiva de sediar um megaevento resgata a autoestima da população local e torna-se forte elemento de manipulação ideológica (GEISE, 2013).

O plano inicial elencou, para além da construção da Arena, melhorias nas avenidas Radial Leste e Jacu Pêssego que cercam o estádio, no metrô e na linha de trem, além da diminuição da criminalidade. No setor econômico se esperava uma maior geração de empregos, aumento do PIB e do potencial de consumo. A Prefeitura do Município de São Paulo, juntamente com a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano (SMDU) e a Assessoria Técnica de Operação Urbana (ATOU), desenvolveram e publicaram em setembro de 2012 as diretrizes do projeto urbanístico para a realização do Polo Institucional Itaquera. O objetivo do programa era a “implantação de equipamentos públicos, por meio de parcerias com instituições públicas e privadas, para atendimento direto às demandas da região, aproximando no tempo e no espaço os moradores das suas atividades cotidianas” (SÃO PAULO, 2012). Assim, o projeto englobou uma breve caracterização da área, seguido de propostas de intervenções urbanas ligadas à rede de transportes e de novos equipamentos urbanos (além de planos e projetos relacionados, como a Operação Urbana Rio Verde Jacu) e, por fim, a proposta urbana a ser executada para a Copa do Mundo FIFA 2014.

As obras aconteceram de forma acelerada, uma vez que precisavam estar finalizadas antes do início do megaevento e segundo os padrões exigidos pela FIFA. De acordo com Nobre (2016), logo após o início das obras ocorreu uma série de problemas, como a remoção de dutos da Petrobrás que passavam pelo terreno e dois acidentes, um em novembro de 2013 e outro em março de 2014, quando dois operários morreram em serviço. Mesmo assim, as obras continuaram causando grande impacto na transformação do urbano no local.

Segundo Leite (2015), um ano após a realização do megaevento, dos dez equipamentos previstos, além do estádio, apenas dois foram concluídos: as unidades da Faculdade de Tecnologia (FATEC) e Escola Técnica (ETEC), do governo do estado, e o Parque Linear do Rio Verde, da Prefeitura. A **Figura 2** demonstra a série histórica da evolução das construções no terreno que circunda o estádio, epicentro da Copa do Mundo em São Paulo, e o planejamento das obras realizado em 2012. Pode-se ver que dos empreendimentos previstos pelo Polo Institucional de Itaquera, quatro já haviam sido construídos e estavam funcionando (itens 1, 2, 3 e 6 da **Figura 2**), apenas três tiveram sua finalização dentro dos prazos previstos (itens 4, 8 e 9 da **Figura 2**) e os demais foram entregues posteriormente à população, ou ainda aguardam plena finalização (itens 5 e 7). Por exemplo, a Unidade de Pronto-Atendimento também projetada para ser concluída até o megaevento foi inaugurada apenas em 2016, além do SENAI (previsto como parte do complexo educacional composto

também pela ETEC e pela FATEC) que ainda não foi finalizado. Além disso, as obras viárias feitas antes da Copa para facilitar a ida ao estádio, como a avenida Radial Leste, podem ser consideradas como benfeitorias físicas permanentes no bairro e região, mas, contraditoriamente, ocorreu a valorização imobiliária com o estádio e o consequente aumento do custo de vida para os moradores (RAMOS, 2017).

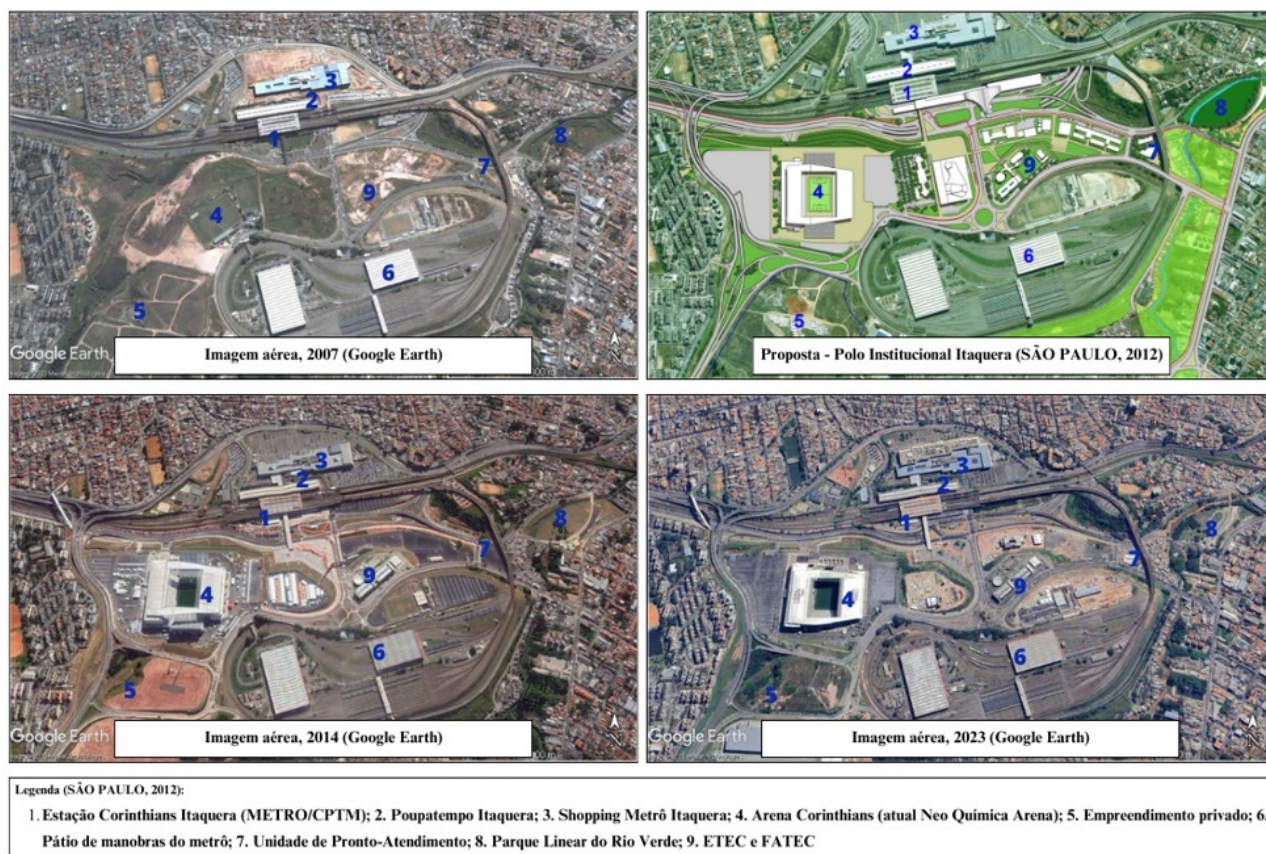


Figura 2: Evolução da paisagem urbana nas proximidades do estádio em Itaquera. Fonte: elaboração própria a partir de São Paulo (2012) e Google Earth.

A urgência da finalização das obras foi usada muitas vezes como aparato para justificar os grandes gastos públicos no período. O discurso do legado a ser deixado pela Copa garantiu o apoio de diversas frentes da sociedade ao gasto exorbitante e às medidas de exceção adotadas durante a execução do evento. A estimativa do governo, dos organizadores e dos idealizadores do estádio era de que o evento traria melhorias diretamente nos setores de infraestrutura, imobiliário e econômico (FRONCILLO E ALMEIDA, 2013). Não só a construção do estádio, mas também de outras obras, como a implementação do Parque Linear Rio Verde, ameaçaram o direito à moradia de diversas famílias, mobilizando a população local e a comunidade acadêmica a questionarem a viabilidade de todos os empreendimentos e investimentos realizados e o discurso de legado que os acompanhou.

As entrevistas realizadas não possuem caráter amostral, mas são importantes para compreender a produção do espaço em Itaquera pelas pessoas que lá residiam quando esse processo se intensificou. Ao questionar os moradores sobre suas principais lembranças do início das construções e os impactos em sua rotina destaca-se a esperança de melhorias no bairro que pudessem alavancar o comércio local, preocupações acerca do preço do aluguel e o ganho de um destaque na mídia, como podemos observar nos relatos a seguir:

“Lembro de uma grande mobilização do poder público para “melhorar” a aparência do bairro, principalmente do centro de Itaquera, também lembro de familiares e conhecidos sonhando em abrir comércios no centro do bairro, com a ideia de que o lucro viria alto com a Copa 2014 e de outros discutindo que o preço do aluguel iria aumentar por conta do estádio” (Entrevista anônima, 2022).

“Eu lembro da promessa da geração de oportunidades na região, pois lá seriam criadas escolas técnicas e trariam para a região empresas que geram emprego” (Entrevista anônima, 2022).

A respeito da Viela da Paz, favela que resiste na Zona Leste há mais de vinte anos e que se localiza próxima à área destinada ao estádio, Marangoni (2017) afirma que embora os moradores tenham enfrentado transtornos e ameaças de despejo, de maneira concreta nunca foram expulsos das áreas ocupadas para a construção de empreendimentos relacionados à Copa. Apesar disso, as intimidações por parte do poder público foram constantes desde o anúncio da Copa, acompanhadas pelo julgamento de serem vistos como estorvos visuais que desconfiguram a paisagem planejada para o cenário internacional. Alguns moradores entrevistados afirmam que foram feitas remoções sob a justificativa da construção do Parque Linear e, diante disso, alguns protestos foram realizados na região. O papel de Itaquera como centralidade regional pôde ser percebido nas entrevistas como lugar de injeção de investimentos públicos, entretanto, não como lugar de desenvolvimento e oportunidade, mas como o limite da cidade aos olhos do poder público.

“[Lembro dos] protestos durante a construção do estádio e as obras no entorno. A promessa de melhoria para o bairro, que nunca chegou. Os despejos na Favela da Paz. O caos causado pelos problemas no transporte público ao mesmo tempo em que a gente via um templo (estádio) sendo construído com dinheiro público. Na época da construção, eu morava na Cidade Tiradentes. Logo depois, me mudei para Guaianazes. Extremo leste que não se beneficiou de nada da construção do estádio. Pelo contrário. Além de parecer que o senso comum e o governo consideravam como extremo leste o Distrito de Itaquera, focando as ações unicamente para aquela área sem pensar no entorno, a gente ouvia de pessoas que saíam de suas moradias em Itaquera e iam para mais leste ainda” (Entrevista anônima, 2022).

Refletir sobre a realização da Copa do Mundo FIFA 2014 em Itaquera é se deparar inúmeras vezes com a contradição entre os discursos dos órgãos oficiais e dos empreendedores responsáveis pelos investimentos na construção civil com a percepção da população, dos Comitês Populares e da produção acadêmica. O discurso neoliberal cativa e encontra meios de se materializar no espaço, cria-se uma tensão na cidade onde os interesses populares são colocados de lado a favor de um melhor aproveitamento especulativo do espaço público. Neste sentido, é importante refletir sobre o legado do megaevento esportivo e os impactos vivenciados pela população local, para além de uma análise de perdas e ganhos financeiros.

Dito desse modo, uma breve avaliação das respostas obtidas nas entrevistas se faz importante. Realizadas oito anos após a execução da Copa do Mundo 2014, a percepção dos moradores sobre o lugar que vivem nos permite compreender mais de perto os impactos positivos e negativos do megaevento esportivo. A análise das entrevistas nos mostra que os impactos positivos se concentram principalmente no que concerne a mobilidade urbana: melhoria do terminal de ônibus, das vias de circulação próximas ao estádio e acesso facilitado ao metrô. Também são pontuadas outras infraestruturas urbanas consideradas benefícios para o bairro, como equipamentos de educação e saúde.

“O trânsito de ônibus e lotações no trajeto de casa até o metrô era insano. Muitas vezes as pessoas pediam para descer antes e iam aquelas multidões pela calçada até chegar ao metrô. Isso melhorou muito no acesso dos entornos após as obras nas vias e acessos.” (Entrevista anônima, 2022).

“Houve melhorias na avenida Tiquatira como aumento de estabelecimento comercial e construção de residencial de alvenaria. Antigamente era mais favela e barracos.” (Entrevista anônima, 2022).

“Além das obras de infraestrutura rodoviária, a Copa chamou a atenção de investidores que abriram lojas que antes não tinham no terminal de ônibus, além da instalação da Etec Itaquera e uma AMA [Atendimento Médico Ambulatorial]. Também dá para citar a contribuição artística, com um muro quilométrico todo grafitado.” (Entrevista anônima, 2022).

“A faculdade criada próxima ao estádio. Mais tarde veio o posto de saúde. Muito depois, a região teve um aumento de empregos e o terminal de ônibus cresceu. Mas benefício concreto, direto, só mesmo um espaço para os amantes de futebol.” (Entrevista anônima, 2022).

Contraditoriamente, os entrevistados e entrevistadas apontam que a qualidade de vida e o poder de compra da população encontram-se precários até os dias atuais. Além disso, enfatizam que as melhorias nas vias de circulação favoreceram principalmente o automóvel particular e se concentraram nas proximidades do estádio, deixando o restante do bairro de Itaquera sem investimentos. Quase todas as entrevistas apontam

que não houve o desenvolvimento econômico prometido e que perceberam um abandono da região após o término da Copa do Mundo.

“...E também achei que melhorou muito o acesso ao metrô em relação à antes, considerando as incontáveis manhãs estressantes com aquelas filas imensas de ônibus que se enfrentavam... não percebi melhorias mais significativas no bairro como um todo, somente melhorias nas proximidades [do estádio] mesmo.” (Entrevista anônima, 2022).

“não houve interesse em trazer medidas efetivas de longo prazo, por meio de políticas públicas, para a problemática da infraestrutura (ainda ocorrem muitas enchentes no centro do bairro, por exemplo) e da habitação (caso passe nos arredores do estádio hoje, vai perceber um grande número de pessoas em situação de rua, acomodadas em casas de madeira e barracas). Ou seja, houve um falso embelezamento a fim de aquecer o turismo na Copa, seguido por um abandono do bairro após o fim desta.” (Entrevista anônima, 2022).

“Não vejo nenhum benefício, pelo contrário, na época da Copa eles fantasiavam muito o bairro, pintando todos os prédios, casas, comércio em questão, para mostrar como o bairro era vitalizado e hoje está o maior descaso, tanto que não muito longe o bairro de "Artur Alvim" está completamente abandonado pela prefeitura.” (Entrevista anônima, 2022).

3. Análises e discussão

O estádio se configura em Itaquera como monumento representativo de uma história coletiva, muito ligada à classe trabalhadora corintiana, que por anos precisou deslocar-se para o outro lado da cidade para ver seu time jogar no estádio do Pacaembu, localizado na Zona Oeste. Ao mesmo tempo, a construção da Neo Química Arena perverte essa história, já que vira um monumento de consumo, um produto simbólico de uma Itaquera de classe média que nunca se verificou (D'ANDREA, 2021). Cabe refletir sobre como a população pode usufruir de um espaço elitista imposto em seu bairro e se a sociabilidade que o capital oferece por meio da privatização do espaço e do consumo é de fato o que satisfaz as necessidades da classe trabalhadora. Seria a inserção via consumo capaz de potencializar as capacidades humanas das pessoas da periferia?

Como coloca Rolnik (2012), a contradição das obras realizadas em prol da Copa do Mundo e que deveriam permanecer como impacto positivo à população que perdura no local após o “tsunami” gerado pelo megaevento se dá na medida em que as transformações urbanas não são pensadas a partir das demandas locais, como por exemplo, as demandas de mobilidade e transporte coletivo. A consequência disso é que ao invés de dar prioridade máxima às regiões onde se concentram maiores parcelas da população que dependem do transporte coletivo, definem-se a localização dos equipamentos relacionados ao megaevento, como estádio, aeroporto e hotelaria e as obras que fazem ligações entre estes locais, podendo estas ser ou não percursos que impactam a vida da população trabalhadora local de forma positiva. A experiência paulista nos mostra, portanto, que grande quantidade de dinheiro público foi direcionada a transformações urbanas pouco relevantes para a vida cotidiana dos moradores de Itaquera que se deslocam diariamente para trabalhar no centro da cidade (LEITE, 2015). Mesmo com tantas obras voltadas à mobilidade urbana, a linha 3-Vermelha do metrô permanece sendo uma das mais lotadas e sobrecarregadas de São Paulo. Vale lembrar que, segundo dados oficiais da prefeitura de São Paulo, 523.848 pessoas habitam a subprefeitura de Itaquera (SÃO PAULO, s.d.).

Do ponto de vista imobiliário, as obras da Copa tiveram grande impacto sobre a região, que começou a se tornar uma aposta para as incorporadoras. Segundo Nobre (2016), os dados do mercado imobiliário levantados pela Empresa Brasileira de Estudos do Patrimônio (EMBRAESP) mostram o crescimento no número de unidades residenciais verticais e um crescimento do Valor Geral de Vendas (VGV) dos lançamentos imobiliários (**Tabela 2**), muito superiores à média das subprefeituras do município. Através dos relatos obtidos em campo e de pesquisas no mercado imobiliário, pode-se perceber que existe uma relação entre as construções e os valores a elas associados com o monumento do estádio, de forma que os prédios mais próximos à área do estádio e do metrô são mais valorizados e os apartamentos que dão vista para o estádio valem ainda mais.

Tabela 2: Número de lançamentos residenciais verticais por unidade territorial.

Unidades Territoriais	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Itaquera	100	265	455	-	386	-	458	637
Cidade Líder	384	164	1152	117	254	595	-	-
José Bonifácio	-	125	399	486	156	-	-	552
Parque do Carmo	64	38	60	-	166	176	137	-

Fonte: SÃO PAULO, s.d.

Ao pensarmos nos impactos da Copa do Mundo e nas alterações correntes no espaço urbano de Itaquera também devemos levar em consideração a história operária do bairro, um lugar de lutas e frentes de resistências de trabalhadores que até hoje buscam por melhorias mínimas nas condições de vida na periferia. A forma como as transformações urbanas são planejadas e se realizam é capaz de apagar uma história socialmente edificada e desmobilizar os trabalhadores. Desse modo, é necessário olhar de forma crítica para os apagamentos da memória política do bairro, uma vez que a Copa do Mundo e a transformação de Itaquera em uma imagem agradável ao capital internacional e à FIFA cumprem o papel de dissimular as contradições históricas do bairro.

Que Itaquera também seja daqueles que, com seu suor, história e lutas, edificaram o bairro. Grande parte dos moradores da região está sendo induzida por uma forte propaganda midiática a apoiar um projeto de cidade e sociedade que não é o seu. Desvelar esse equívoco contribui para que a população periférica formule seu próprio projeto. Para começar, o morador do bairro é quem deveria deter o *naming rights* do estádio, que poderia se chamar Mártires de Itaquera, em memória dos mortos de sua história (D'ANDREA, 2012, não paginado).

A produção do espaço e a materialização das contradições sociais não omitem a segregação socioespacial produzida e, principalmente, aprofundada pela realização do megaevento. A **Figura 3** mostra de um lado da avenida Radial Leste o esplêndido e monumental estádio construído e financiado por meio de cofres públicos e PPPs e, do outro lado da mesma avenida, casas residenciais humildes e de classe média baixa.



Figura 3: Mosaico: Neo Química Arena (1) e casas residenciais (2 e 3) do outro lado da avenida Radial Leste. Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

O principal legado deixado pela Copa do Mundo FIFA 2014 em Itaquera é a abertura e o impulso para um novo ciclo de produção e gestão da cidade, reforçando grandes projetos urbanos segmentados e fortemente balizados por corporações empresariais que buscam cada vez menos atender às necessidades da população local, resultando na produção de um espaço e de uma identidade que são alheios a essa população. Assim, “desencadeia-se uma lógica de evocação que mais funciona como uma anti memória coletiva que esconde as marcas do tempo, reprime as metamorfoses do espaço e acarreta uma redução ao idêntico” (SÁNCHEZ E MOURA, 1999, p. 108).

Desse modo, ao estimular a reinvenção da cidade e sua inserção mundial por meio dos megaeventos e de grandes projetos urbanos, contribui-se para potencializar a desigualdade já existente na cidade de modo que as receitas públicas e as políticas sociais ficam diretamente comprometidas (SÁNCHEZ, 2012). Deve-se compreender que as cidades exemplificam distintas combinações do neoliberalismo e opulência para alguns e de profunda pobreza para todos os outros. Está em pauta uma clara e irredutível oposição entre a eficiência econômica e a eficácia social (VAINER, 2011).

Diante da análise das entrevistas concebidas para este trabalho, as principais melhorias para a população local parecem ter sido na área de mobilidade urbana, ainda que tenha sido relatado que a prioridade das obras se voltou à locomoção por meio de automóveis. Além disso, muitos moradores pontuaram que a realização da Copa trouxe consigo investimentos para o Polo Institucional Itaquera, como já citado, envolvendo a construção de equipamentos de saúde e educação. Um dos relatos coletados em pesquisa de campo reforça a discussão da criação de uma nova centralidade local criada a partir do estádio, onde o centro antigo de Itaquera, mais afastado do metrô, concentra o comércio local. Itaquera se constitui enquanto centralidade, principalmente do ponto de vista do acesso a cidade, da Zona Leste, mudando sua relação com São Paulo e com a própria região. As alterações na rotina da população, as modificações dos acessos exclusivos ao estádio e a falta de benefícios a longo prazo fortalecem a percepção de que a realização do megaevento não se voltou para a população local ou para a real efetivação de um legado para a região, mas sim ao capital especulativo e ao empresariamento urbano.

Do ponto de vista turístico, pode-se perceber que, apesar de uma estratégia discursiva amplamente divulgada, com o tempo decorrido desde a Copa do Mundo, Itaquera não se efetivou como polo de atração turística. A partir da bibliografia e dos dados consultados, também não é possível traçar uma correlação entre a Copa do Mundo e o desenvolvimento do turismo na cidade de São Paulo. Ramos (2019) aponta que os dados disponibilizados pelo Ministério do Turismo revelam que não houve impacto significativo da posição do Brasil em relação ao aumento dos fluxos turísticos internacionais. O que se pode perceber é que há uma renovação de estratégias, no setor privado, para aumentar e incentivar a visitação à Arena construída no distrito de Itaquera, mas essa visitação é praticamente restrita a torcedores e à população de classe média e alta.

Ao que parece, o que se tem em Itaquera é a continuidade da presença seletiva de investimentos, apoiada em parcerias público-privadas. Dessa forma, os megaeventos não parecem possuir qualquer elemento que contribua ao processo de emancipação política dos trabalhadores (PENNA, 2013), sendo dos principais instrumentos da continuidade de um modelo neoliberal de produção das cidades que nega o passado de lutas que produziram tal espaço e submete a população a trabalhos cada vez mais precarizados.

4. Considerações finais

Os resultados obtidos na análise indicam que os megaeventos são ritos que reforçam a hierarquia e a sociedade de classes existentes, ao invés de desafiá-las. Enquanto ritual, enfatizam discursos hegemônicos e mudam o status da cidade que os sediam. A produção da cidade através dos megaeventos obedece a uma lógica neoliberal que nega o direito à cidade. As operações urbanas consorciadas estabelecem a formação de uma cidade de exceção, onde as seguridades sociais garantidas pela lei são postas de lado em favor do capital.

A realização de um megaevento constitui-se como oportunidade perfeita para a reprodução do capital por meio da cidade, uma vez que alicerça um plano urbano de destruição e reconstrução, baseado em parcerias público-privadas, onde a presença do Estado se faz fundamental na concessão de incentivos fiscais e financeiros assim como na flexibilização de normas. A Copa do Mundo mostra-se mais como uma oportunidade para o Estado e agentes do mercado do que para a população em geral.

Ao refletir sobre Itaquera nos deparamos com a construção monumental de um novo estádio que reforça a centralidade exercida por Itaquera na Zona Leste de São Paulo. A concentração de investimentos e equipamentos urbanos nos arredores do estádio nos ajuda a compreender os processos de produção do espaço

em curso na região, como por exemplo o alto número de lançamentos imobiliários verticais em Cidade Líder, distrito mais próximo dessas infraestruturas.

Do ponto de vista do turismo, vemos que as promessas advindas dos órgãos públicos não se concretizaram. Do ponto de vista urbano, a população pouco foi beneficiada passados oito anos da Copa. Ainda, é importante destacar o abandono pelo poder público da porção leste do distrito de Itaquera e dos outros distritos que compõe a Zona Leste. Nota-se que a realização do megaevento esportivo em São Paulo funcionou como um espetáculo, montado e calculado para estar ali apenas no período de sua performance. Após os aplausos, os agentes públicos e privados se retiraram, deixando a população à mercê dos problemas de infraestrutura urbana da região.

Por fim, embora parte das transformações urbanas realizadas no período de preparação da cidade para o megaevento fossem de desejo da população, a crítica apresentada neste trabalho recai sobre um *modus operandi* segundo o qual a produção coletiva de um espaço mais justo e mais acessível para a população efetivamente não se realizou.

Referências

- AZEVEDO, A. E. de. **Subúrbios orientais de São Paulo**. Tese de Concurso à Cadeira de Geografia do Brasil. São Paulo, FFCL/USP, 1945.
- CARLOS, A. F. A. O turismo e a produção do espaço. **Revista Geografia e Ensino**, Belo Horizonte, MG, v. 8, n. 1, 2002. p. 47-56.
- CARLOS, A. F. A. A reprodução da cidade como negócio. In: CARLOS, A. F. A.; CARRERAS, C. (orgs). **Urbanização e mundialização. Estudos sobre a metrópole**. 2005, p. 29-37.
- CARLOS, A. F. A. Henri Lefebvre: o espaço, a cidade e o “direito à cidade”. **Revista Direito e Práxis**, v. 11, p. 349-369, 2020.
- CRUZ, R. de C. A. da. Desenvolvimento geográfico desigual e turismo na escala urbana: o caso de São Paulo. In: CRUZ, R. de C. A. da. **A economia política do turismo e a dialética do desenvolvimento geográfico desigual no Brasil. Tese de Livre Docência em Geografia**, FFLCH/USP, 2019.
- DAMIANI, A. L. Cidade (des) ordenada: concepção e cotidiano do conjunto habitacional itaquera i. 1993. **Tese (Doutorado)** - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.
- D'ANDREA, T. P. Itaquera, muito além da Copa do Mundo. **Le Monde Diplomatique Brasil**, v. 57, 2012.
- D'ANDREA, T. P. Café Filosófico CPFL. A cidade que queremos | Com Carolina Freitas e Tiaraju Pablo D'Andrea. YouTube, 5 mai. 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=S-Htr8Iy9fg>>. Acesso em 1 ago. 2022.
- FARIAS, T. M.; DINIZ, R. F. Cidades neoliberais e direito à cidade: outra visão do urbano para a psicologia. **Revista Psicologia Política**, v. 18, n. 42, p. 281-294, 2018.
- FREITAS, C. A. de O. Transformações na produção da periferia: o caso de Itaquera e o Conjunto Habitacional José Bonifácio. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v. 22, 2020.
- FRONCILLO, A. V.; ALMEIDA, M. Análises sociais do impacto da construção do estádio do Corinthians para Itaquera. **Revista Digital EFDeportes**, Buenos Aires, v. 18, n. 179, p. 1-1, 2013.
- GEISE, C. ST2-1068 Discurso e ideologia no planejamento urbano estratégico. Zona Leste e Copa do Mundo em Itaquera como estudo de caso. **Anais ENANPUR**, v. 15, n. 1, 2013.
- HARVEY, D. Do gerenciamento ao empresariamento: a transformação da administração urbana no capitalismo tardio. **Espaço & debates**, v. 16, n. 39, p. 48-64, 1996.
- LEFEBVRE, H. **The Production of Space**. Oxford: Basil Blackwell, 1991.

- LEITE, F. Legado da Copa em Itaquera fica no papel. 2015. **EstadãoOnline**. Disponível em: <<https://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,legado-da-copa-emitaquera-fica-no-papel,1704728>>. Acesso em: 31 jul. 2022.
- MARANGONI, C. S. O saldo da Copa do Mundo: os impactos sociais da renovação urbana em Itaquera-São Paulo. 2017. **Dissertação de Mestrado (Geografia Humana)**, UNESP/Franca, SP.
- MARICATO, E. A Copa do Mundo no Brasil: tsunamis de capitais aprofunda a desigualdade urbana. In: JENNINGS, A. *et al.* **Brasil em jogo: o que fica da Copa e das Olimpíadas**, 2014, p. 17-24.
- MOLINA, F. S. Os megaeventos e produção do espaço urbano no Rio de Janeiro: da “Paris dos Trópicos” à “Cidade Olímpica”. 2013. **Tese de Doutorado**. (Geografia Humana), FFLCH/USP. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-10042013-105124/publico/2013_FabioSilveiraMolina_VCorr1.pdf>. Acesso em: 04 mai. 2022.
- MOREIRA, M. C. R.; GÓMEZ, J. M. Rio, cidade aberta: a (re)produção do espaço urbano global subdesenvolvido via megaeventos. Rio de Janeiro, 2014. 141 p. **Dissertação de Mestrado** – Instituto de Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- NOBRE, E. A. C. Megaeventos esportivos e desenvolvimento local: os impactos da copa do mundo da FIFA de 2014 na Zona Leste de São Paulo. In: VAINER, C. *et al.* Os megaeventos e a cidade: perspectivas críticas, 2016, p. 360-388.
- OLIVEIRA, F. V. de. Itaquera para quem? Projetos urbanos e mudanças socioespaciais na periferia de São Paulo. 2015. **Tese de Doutorado**. (Escola de Artes, Ciências e Humanidades), EACH/USP. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/100/100134/tde-18112015-152039/pt-br.php>>. Acesso em: 09 set. 2023.
- OLIVEIRA, F. V. de. Urbanização e formação socioespacial da Zona Leste da cidade de São Paulo: Aspectos históricos e forma urbana. **Arq.urb**, [S.I.], n. 17, p. 4-21, 2016. Disponível em: <<https://revistaarqurb.com.br/arqurb/article/view/169>>. Acesso em 09 set. 2023.
- PENNA, A. Megaeventos esportivos no Brasil: raias abertas para a corrida do capital. **O Social em Questão**, n. 29, p. 209-234, 2013.
- RAMALHOSO, W. Destino Itaquera: o metrô rumo aos conjuntos habitacionais da COHAB-SP. **Arquitecturas de Estado**, p. 114, 2020.
- RAMOS, S. da R. A Copa do Mundo FIFA 2014 e as transformações espaciais em Itaquera - São Paulo/SP. 2017. **(Seminário)**. In: ALVES, S. R. II Seminário Internacional América Latina: Políticas e conflitos contemporâneos, p. 3797-3811, 2017.
- RAMOS, S. da R. Copa do Mundo FIFA 2014 no Brasil: da regulação do território às ações voltadas ao turismo. 2019. **Tese de Doutorado**. Universidade de São Paulo.
- ROLNIK, R. Ocupações irregulares e direito à moradia em debate na Globo News. **Entrevista. Globo News**. São Paulo, SP, 2010. Disponível em: <<https://raquelrolnik.wordpress.com/2010/01/08/ocupacoes-irregulares-e-direito-a-moradia-em-debate-na-globo-news/>>. Acesso em 09 set. 2023.
- ROLNIK, R. Coisas nada civilizadas ocorrem quando um país prepara um megaevento. **Debate. Revista Adusp**, São Paulo, SP, n. 52, 2012. p. 06-13. Disponível em: <https://www.adusp.org.br/files/revistas/52/r52_a1.pdf>. Acesso em: 09 set. 2023.
- SÁNCHEZ, F; MOURA, R. Cidades-modelo: espelhos de virtude ou reprodução do mesmo. **Cadernos Ippur**, v. 13, n. 2, p. 95-114, 1999.
- SÁNCHEZ, F. A “cidade olímpica” e sua [in]sustentabilidade. **Le Monde Diplomatique Brasil**, v. 58, 2012.

SÃO PAULO (CIDADE). Polo Institucional Itaquera: diretrizes de projeto urbanístico. **Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano**. São Paulo. 2012.

SÃO PAULO (CIDADE). **Infocidade: Mercado Imobiliário**: Tabelas. Infocid@de, s. d. Disponível em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/licenciamento/desenvolvimento_urbano/dados_estatisticos/info_cidade/mercado_imobiliario/>. Acesso em 1 ago. 2022.

SÃO PAULO (CIDADE). **Dados demográficos dos distritos pertencentes às Subprefeituras**. s. d.(b) Disponível em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/subprefeituras/dados_demograficos/index.php?p=12758>. Acesso em: 25 mar. 2023.

SMITH, N. As Cidades após o Neoliberalismo? **Revista Continentes (UFRRJ)**, ano 6, n. 10, p. 88-107, 2017.

SOUZA, A. M. G. Urbanismo neoliberal, gestão corporativa e o direito à cidade: impactos e tensões recentes nas cidades brasileiras. **Cadernos MetrÓpole**, v. 20, p. 245-265, 2018.

VAINER, C. B. Cidade de Exceção: Reflexões a Partir do Rio de Janeiro. Anais do XIV Encontro Nacional da Associação Nacional de Planejamento Urbano (**ANPUR**), vol. 14, 2011.

VAINER, C. B. Como serão nossas cidades após a Copa e as Olimpíadas?. In: JENNINGS, A. *et al.* **Brasil em jogo: o que fica da Copa e das Olimpíadas?**. Boitempo Editorial, 2014.

ZANOTELLI, C. L. A cidade neoliberal no Brasil de uma perspectiva foucaultiana. **GEOUSP**, v. 25, n.3, e-172194, dez. 2021. ISSN 2179-0892.



Este artigo é distribuído nos termos e condições do *Creative Commons Attributions/Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual* (CC BY-NC-SA).